

Notícias de Guimarães

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Ano 18.º N.º 887
GUIMARÃES, 30 de Janeiro de 1949
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Elementos do ensino

Ventilamos, sumariamente, num dos números transactos deste hebdomadário, o problema educacional no estado helvético, em especial no tocante à assistência pré-escolar.

A Suíça é a pátria, por excelência, da Pedagogia, dos mais eficientes métodos educativos.

Em 1912, se a memória me não falha, dois universitários, Claparède e Bovet, fundaram o *Instituto Rousseau*, onde nomes consagrados da pedagogia moderna se dedicaram às mais recentes técnicas educativas, aos mais actualizados métodos de psicologia experimental, especialmente no que se refere aos anormais, às crianças retardadas.

Tomou essa instituição por lema, como fulcro das suas actividades, a célebre frase dum grande Pedagogo: *Etudiez donc vos élèves, car assurément vous ne les connaissez point.*

A Suíça possui os mais eminentes vultos da ciência doutrinária pedagógica, desde Pestalozzi e Fellemborg a M.^{lle} Descoendrez.

Com Montessori, na Itália e Decroby, na Bélgica, fizeram os citados mestres helvéticos uma verdadeira revolução pedagógica de repercussão universal, de grandiosa projecção em todo o mundo culto.

O método, a tessitura, a orgânica doutrinária dos seus sistemas educativos são estudados nas escolas de especialização, nas nossas Escolas Normais.

O ensino dos anormais — das *exceptional children*, dos americanos Goldstein e Scheidman — tem sido capazmente solucionado, como no-lo comprovam as estatísticas que lemos sobre o assunto.

Mas talvez na Suíça a chamada *education spècial* atinja maior desenvolvimento e eficácia.

Há no estado helvético várias escolas especializadas, verdadeiramente modelares, para o estudo das crianças retardadas, aonde mestres da neurologia, psiquiatria infantil e psicogénese fazem os seus cuidadosos trabalhos experimentais.

Referimo-nos à Escola fundada por Hanselman, em Zurique e à Secção para anormais da Universidade de Fribourg. Curiosíssimas, altamente ilustrativas as revistas científicas, as estatísticas que essas Escolas publicam.

O ensino, na Suíça, vai desde a escola infantil à escola complementar (primária), aos ginásios e colégios (que se equiparam ao nosso curso secundário e às universidades, em número de sete, com uma frequência de mais de 12.000 estudantes, além da Escola de Ciências Económicas, da Politécnica e da vetusta Faculdade Teológica de Lucerna.

Alguns centros universitários tem uma tradição honrosíssima.

Assim, a Escola Superior de Bale é das mais antigas instituições universitárias da Europa. Fundada em 1460 pelo Papa Pio II, o próprio Erasmo, Euler, Zwingler e Nietzsche têm a sua complexa personalidade ligada à citada Universidade.

A criança, com cinco a seis anos, entra na escola infantil onde aprende os rudimentos de cálculo e uma ligeira aprendizagem de leitura e escrita.

Dos sete para os oito anos na Escola Primária.

Se o tempo nos permitir, espero, em subsequentes notícias, abordar ainda o assunto, em toda a sua latitude, nos vários aspectos do ensino.

Prof. Joaquim Martins Lima.

Círculo de Cultura Musical

Nos primeiros dias de Fevereiro terão os sócios da Delegação vimaranense o prazer de ouvir o notabilíssimo violinista Henryk Szeryng, em terceiro concerto da presente temporada.

Trata-se de um jovem, mas já consagrado violinista com a sua reputação feita nas principais capitais da Europa e que acaba de regressar da América dum triunfal tournee.

Poiaco de nascimento, actuou na Orquestra Sinfónica dirigida pelo grande Maestro Bruno Walter, tendo-se-lhe aberto todas as sociedades de concertos e a crítica o apontou como um predestinado para os caminhos gloriosos da fama.

Recentemente foi-lhe concedida a nacionalização mexicana e o governo deste país o encarregou da alta missão de divulgar a música nacional do México.

Será acompanhado pelo não menos notável pianista Enrique Aroca, professor do Conservatório Real de Madrid e membro ilustre do Quinteto Nacional de Espanha.

O concerto realiza-se no Teatro Jordão, pelas 21,30 horas, em data a fixar oportunamente.

FOI HOMENAGEADO o Sr. António José Pereira de Lima

pelo seu acendrado amor à Terra

Decorreu num ambiente de grande exaltação bairrista o Banquete de Homenagem ao Ex.^{mo} Sr. António José Pereira de Lima, prestigioso Vimaranesense, que no domingo se realizou no amplo Restaurante Jordão com a assistência de mais de 200 pessoas desta cidade e de fora, as quais quiseram testemunhar àquele Cidadão a sua muita estima e o seu muito apreço.

Na mesa de honra, presidida pelo Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal, que tinha à sua direita o homenageado, viam-se os Srs.: Dr. João Rocha dos Santos, Presidente da U. N. e Juiz da Irmandade da Penha; António Emílio Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio; Cap. José Maria de Magalhães Couto, Presidente do Grémio da Lavoura; Amadeu Guimarães, Presidente do Sindicato N. dos Caixeiros; Camilo Laranjeiro dos Reis, Presidente Honorário das Festas da Cidade; Antero H. Silva e António Pereira Rodrigues, componentes da Comissão Executiva das Festas da

Cidade do ano findo; Professor José de Pina, Presidente da Junta de Turismo da Penha; P.^e José Carlos Simões de Almeida, Director do Internato Municipal e representante da Mesa da Irmandade dos Santos Passos; José Mendes Ribeiro Júnior, Dr. Francisco de Melo, Dr. Jorge da Costa Antunes, Prof. Mário Meneses, Provedor da Misericórdia, etc.

Indistintamente, em seis grandes mesas, tomaram lugar as restantes pessoas: médicos, advogados, oficiais do exército, sacerdotes, industriais, comerciantes, professores, algumas senhoras, empregados do comércio, funcionários públicos, etc.

O salão apresentava uma lindíssima decoração, com galhardetes da cidade, plantas e flores.

Quando o homenageado, acompanhado pelo Sr. Presidente da Câmara e por outras individualidades deu entrada no salão, às 13,30 horas, a Orquestra executou o Hino da Cidade e ecoaram estridentes palmas. Deu-se logo início ao Banquete, durante o qual predominou sempre a mais franca e comunicativa alegria.

Ao champagne foi lida uma mensagem da C. E. das Festas do ano findo,

a qual, escrita em pergaminho e encerrada em artística pasta, foi, depois de assinada por todos os presentes, entregue ao homenageado, a quem também um grupo de graciosas meninas entregou um formoso ramo de cravos.

Damos, dessa mensagem, algumas passagens:

«Sabem quantos o conhecem de perto o muito de sobresaltada provocação a que sujeitamos a sua consciente e natural modestia com esta homenagem que, espontâneo e mero cumprimento de um dever de gratidão pela sua tutela e decisiva influência nas Festas Quaterianas, logo se converteu, ao calor do mais enternecido e convicto entusiasmo, como no melhor cabido preito de homenagem de toda a Guimarães. Não a afrontaremos, acatando-a no puro valor de uma das suas nitidas virtudes, com grinaldas de retórica, para não substituímos também, nem antepormos o fulgor aparente, mas efêmero de palavras abunhadas, aos ditames da razão e os impulsos sinceros de sentimento que nos congregaram para lhe virmos

Conclui na 4.ª página.

Dr. Nuno Simões

Passa hoje o aniversário natalício do distinto Escritor e Economista, Sr. Dr. Nuno Simões, um nome que o país inteiro conhece e aprecia, dados os seus altos predicados de inteligência e impetuoso carácter.

O Dr. Nuno Simões, minhoto muito ilustre, tendo passado pelos bancos do nosso Liceu, aqui soube conquistar, desde então, as melhores simpatias, as maiores amizades.

«Notícias de Guimarães» que conta Sua Ex.^a no número dos seus melhores amigos, saudando calorosamente, prestando-lhe a homenagem da sua muita admiração e alto apreço — a admiração e o apreço que devem merecer-nos as figuras prestigiosas como o Dr. Nuno Simões.

Director de «O Comércio do Porto».

Pelo falecimento de sua extremosa esposa a senhora D. Maria Paulina Carqueja Seara Cardoso, ocorrido na preterita quarta-feira, encontra-se de luto o ilustre Director do nosso distinto colega «O Comércio do Porto», Sr. F. Seara Cardoso, a quem por tal motivo, avaliando bem a mágoa que ora o fere, apresentamos sentidas condolências.

gnamente exaltadas e, portanto, criar-se uma força de mútuo e indestrutível entendimento entre todos, mediante a qual Guimarães possa conseguir que as esperanças se transformem em realidades, isto é, que todas as suas justas aspirações sejam satisfeitas ou atendidas por quem de direito. Caso contrário, Guimarães não poderá ingressar na vanguarda do progresso e a sua vida será vítima da falta de compreensão bairrista dos seus próprios filhos.

Oxalá, pois, que a lição do passado domingo, no Restaurante Jordão, tenha feito desaparecer de uma vez para sempre a sombra das paixões políticas e de qualquer outra natureza, desde que se trate de glorificar o nome sagrado e imortal desta terra, onde palpitou pela primeira vez o coração da Pátria e onde existam as mais nobres e mais patrióticas recordações de um passado que não morreu nem morrerá.

São esses os nossos fervorosos desejos.

X.

PENUMBRAS

XXI

Uma singular e secreta melancolia torturava a sua alma. Vagas esperanças de imortalidade e de reencontro numa outra existência melhor adejavam e flutuavam poeticamente com as suas dúvidas e os seus desejos de felicidade tantas vezes frustrados neste mundo. Queria acreditar, ter fé... mas a razão bem alerta afirmava-lhe que o sentimento religioso e as suas manifestações é apenas reflexo inconsciente e modificado da perfectibilidade de que nós temos do mundo e do universo em geral, vestida ingénua e litúrgicamente com as galas dos nos-

soos desejos e dos nossos receios, que são afinal o instrumento admirável e permanente do eterno progresso humano! Mas o seu coração doído reclamava um bálsamo, um analgésico, um hipnótico!... E entre a sua inteligência e o seu sentimento travou-se uma luta atroz, intolerável.

A morte implacável, insondável, muda, misteriosa... era um realidade tremenda!

Os seus anseios, as suas angústias, as suas dúvidas exarcebavam-se dolorosamente perante tão apavorante, irredutível e intransponível simplicidade! Por fim bradou com desânimo: Impossível!

Duvidar e Crer!... Eis o eterno conflito humano.

Duvidar e crer, eis a síntese sublimada em nível antropológico de primitivas forças cósmicas progressivamente estruturadas em níveis biológicos.

Duvidar... Fonte perene, sequência progressiva do ser e do devir, das ciências e das religiões, das realidades e dos sonhos, do bem e do mal — e do complexo insondável do desespero humano.

Duvidar... Eterna e racionalizadora oscilação entre o temor e o amor. Crer... Sublimado cansaço da razão, piedosa e esperançosa barreira das tragédias humanas!

— Oh! como é angustiosa a vida, clamou Ricardo num soluço!

— Que tens, não estás bem?, perguntou Brandão com aflição. Queres que te ajude?

— Não! Não é de ajuda física ou material que eu necessito. É de luz, é dum clarão de verdade que eu preciso para saçar esta ansia, esta dúvida atroz.

Como são felizes os animais na rota quase linear dos seus destinos, onde não há lugar para dúvidas.

O homem paga demasiado tributo pela sua inteligência, pelo seu cérebro!

De tanto ver e observar, meus olhos se cansaram.

De tanto ouvir e aprender, meus ouvidos se fecharam.

De tanto interrogar e reflectir, minha curiosidade se extinguiu.

Meus olhos, meus ouvidos, minha inteligência, que procuraram a verdade com afã, são neste momento grossa muralha onde se esbate toda a luz da razão!

Com este amor tudo se acabou:

ADELINO LARANJEIRO DOS REIS, mantendo a tradição e seguindo o lema de bem servir a sua terra, tem a honra de comunicar a todos os Vimaraneses que brevemente abrirá o seu estabelecimento denominado

“A IMPERIAL”

to, colocadas no seu devido lugar de maior relevo e da mais inteira justiça. A sua personalidade foi apreciada como um Astro de primeira grandeza e o seu nome ovacionado como um símbolo do seu bairrismo e do seu patriotismo.

Vimos-lhe lágrimas nos olhos, espontâneos projectores da pureza da sua alma, da magnanimidade do seu coração e da sensibilidade do seu esclarecido e afectuoso espírito.

De facto, o ambiente de tão extraordinária veneração pela sua pessoa, só através dessas lágrimas se poderia identificar com a projecção da homenagem que tantos e tão dedicados amigos lhe prestaram, sem distinção de ideologias políticas ou de outro sentimento que não fosse o de lhe testemunhar o quanto tem feito em várias emergências da sua vida pela terra que lhe serviu de berço.

Bendita e salutar lição foi essa homenagem, porque dela se poderá concluir que o exemplo do Sr. António Pereira de Lima deverá ser seguido por todos os vimaranenses que desejam a prosperidade e o engrandecimento da sua terra, cerrando fileiras em volta da sua Bandeira e, assim, assentar em sólidos alicerces a União Vimaranesense, de forma

Vibrante e justa homenagem

Constituiu — como era de esperar — uma vibrante e significativa manifestação de simpatia e de gratidão ao ilustre vimaranense, Sr. António José Pereira de Lima, a homenagem que, por feliz e oportuna iniciativa da Comissão das Festas da Cidade, lhe foi prestada no domingo passado, no modelar Restaurante Jordão.

A ela se associaram centenas de amigos do homenageado, quer da cidade e do concelho de Guimarães, quer de outras terras. Lá estivemos e lá constatamos, uma vez mais, que o Sr. António José Pereira de Lima não tem lançado em terreno ingrato a semente do seu exemplo como cidadão, como vimaranense e como Amigo. As suas qualidades de carácter sem mácula e as suas virtudes de um autêntico e indiscutível Homem de bem foram condi-

DELFINO DE GUIMARÃES.

CONTRASTES!...

BEIJOS

Beija o sol manhã cedo a natureza
Com beijos infinitos só de luz;
E a brisa matinal, toda pureza,
Beija a flor do jardim que nos seduz.

Beija o mar praia em fora a fina areia,
Beija a mãe com doçura o seu filhinho;
As estrelas do céu também se beijam
Quais aves a viver no mesmo ninho.

Cruzando o céu em voos infinitos,
Andorinhas, alegres e aos pares,
Em loucuras de amor todo ternura,
Sorridentes se beijam pelos ares.

E as rolas, em arrulhos de saudade,
Se beijam, muito a sós, no arvoredo;
'Scondidas nos pombais as meigas pombas
Se beijam, de mansinho, quase a medo.

Em toda a natureza sinto beijos
E penso para mim: — E' por amar.
Mas eu, minha Querida, também amo...
E hei-de assim viver sem te beijar?!

J. VIEIRA LEDO.

— destino, pensamento, vontade!...
Sou simplesmente um elo de cadeia
milénario que arrasto, não sei para
onde, por caminho árduo, sem norte,
sem rumo!... Queria apenas repousar,
sosegar um pouco! Queria um oásis
onde humanamente pudesse matar
tanta fome e tanta sede, e pudesse
com simplicidade comer o pão da vida!

Queria ter uma nova fé, uma nova
esperança, uma nova ilusão!... Ou, pelo
menos, confiar em mim, pois sou a
própria vida! Sou destino... sou fim...
sou realidade... e trago comigo o facho
imortal da razão!

Ricardo com o esforço dispendido,
exausto, teve que se sentar, transpi-
rando um suor frio que atemorizou
Brandão.

— Vamos para casa!, suplicou o
amigo. Não podes continuar.

— Posso, respondeu Ricardo com
firmeza... isto passa. Agora o meu
destino é ali... E apontou para o
cemitério, sorrindo com indefinível
amargura. Maria Eugénia esperava-me,
tenho que lhe falar e despedir-me dela!...

Ricardo, neste momento, sentiu que
as lágrimas começavam a banhar as
suas faces, a refrigerar a sua alma
como gotas de rocío em planta requei-
mada. Depois duma longa crise de
choro, sentiu-se reanimado — e con-
tinuou o seu caminho.

Quando chegou junto da campa de
Maria Eugénia suspirou de cansaço e
alívio. Já não podia mais!

Aquela campa rasa, que uma entu-
meacência de terra fresca recentemente
revolvida e grosseiramente moldada
da vivacidade com saudade tantas e tão
rápidos acontecimentos, era a meta
final, era o fim de tudo.

Aquela campa despida de símbolos,
de adornos, de flores, com uma lousa
apenas e um número, escondia para
sempre, bem no coração da terra, a
sua própria alma, um coração de oiro
que jamais tinha encontrado igual.
Mas estava ali presente com todo o
seu desespero, com toda a sua gran-
diosa dor.

Que melhor símbolo para ela que
esta dor enorme, viva, sangrante.
Com a alma despedaçada, os braços
opontados para o céu, torcidos pelo
desespero, como quem acusa e afronta
o destino, assim ficou por algum
tempo, contraído e imóvel. Por fim,
as suas pernas, agora inúteis, dobra-
ram-se. E como se faltasse um último
abraço, o abraço de despedida, os
seus braços abriram-se e estreitaram
amorosamente na queda a terra mol-
hada, fresca, recente, permeável ao
seu sangue... ao fio de sangue que lhe
saía da boca, sacudido por uma débil
tosse e que se escoou rapidamente
como mensageiro apressado e fiel de
quem deseja morrer ali mesmo junto
da sua amada.

Brandão correu apressado a levan-
tar o seu amigo que, impossibilitado
de se manter de pé, teve de ser am-
parado por um abraço terno, longo e
carinhoso. Ricardo com a voz sumi-
da e abafada continuou num lamen-
to:

— Para que me servem os olhos, se
te não vejo? Para que me serve fal-
lar, se me não ouves mais? De que
me serve palpar, se te não sinto, se
te não posso abraçar? Para que me
serve a vida, os meus desejos, se ja-
mais poderei sentir o arfar amoroso
dos teus movimentos fecundos?!

— Não te martirizes mais, disse
Brandão profundamente comovido.
Afastemo-nos daqui, vamo-nos embo-
ra, pediu Brandão com doçura, ao
reacar que ele morresse ali mesmo.

Sem opor resistência foi conduzido
por Brandão para casa como um au-
tómato, meio morto.

P. Faustino, informado por alguém,
correu a sua casa. Quando entrou no
quarto fez um sinal a Brandão para
que o deixasse a sós com ele. Bran-
dão fez-lhe a vontade, mas encolheu
os ombros com incredulidade. Ricar-
do não era crente.

Depois de uma curta, de uma an-
siosa expectativa, P. Faustino abriu
a porta do quarto e Brandão pode ver
o amigo no seu leito de morte.

— Morreu agora mesmo, disse P.
Faustino, acercando-se novamente da
cama e cerrando-lhe amorosamente

as pálpebras. Era um bom e um crente!

— Um sentimental, emendou Bran-
dão.— Pode crer que morreu como um
mártir, como um justo... Poucas pa-
lavras disse, mas através delas per-
passou toda a grandeza da sua alma.
Brandão abriu muito os olhos de
admiração e não disse mais nada.— Um segredo profundo explicava
a sua consciência boa e sensível e infe-
riorizou para sempre a sua conduta.
Foi um desajustado da vida. Procura-
vou reagir com inteligência, e conse-
guiu-o. As suas teorias eram como a
sua crença religiosa; mas o castigo
tinha-o dentro de si! Por um excessivo
de sensibilidade que tornava despro-
porcionadas todas as culpas aos seus
olhos justos, nunca quis revelar o
seu segredo... Isso é expiação! Era
um crente, sim! Que diferença há
em adorar Deus nas igrejas, nas
alturas do céu, ou perscrutando na
natureza todos os mistérios da sua
obra? Que melhor catedral que a ca-
tedral imensa do Universo? Tinha
fé viva na sua razão, na dedução ló-
gica dos seus raciocínios. E ter fé
em alguma coisa é um dom divino.
Que feliz seria eu se a minha crença
tivesse a mesma paixão e a mesma
lealdade mental que ele tinha pela
verdade! Que feliz eu seria se a mi-
nha fé fosse assim tão viva, tão ar-
dente!
— E onde estará a verdade? per-
guntou Brandão quase em segredo.
Na ciência, na religião, na arte?
P. Faustino, que ajoelhara aos pés
da cama de Ricardo para rezar pela
sua alma, apontou somente com um
dedo para o céu.
Brandão, espalmado as mãos sobre
o peito como quem resguarda e fecha
um tesouro sagrado, disse ao sair: —
A verdade está em cada um de nós!
Eu já tive o meu Monte de Sinai, já
rasguei o meu véu de Maya! E de peito
bem saliente, com a cabeça levemente
inclinação, a passos largos, lá se diri-
giu para casa, cansado e apressado,
fazendo novos projectos, sentindo no-
vos anseios, firmemente resolvido a
pintar, a pintar como um lonco...
Dentro de pouco tornou-se o maior
pintor super-realista do seu tempo, e
o que é mais importante ainda o mais
rico de todos.

FIM.

I. V. C.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

A firma Bernardino Jordão,
Filhos & C.ª, ofereceu à bene-
mérita Corporação dos Bom-
beiros V. de Guimarães a
avultada quantia de 1.000\$000.

A prestante colectividade vi-
maranense vai, assim, rece-
bendo de algumas firmas vim-
ranenses valiosas dádivas, de
que carece, para que possa
adquirir novo e indispensável
material.

Louvres merecem aqueles
que, assim, lhe vai dispensan-
do carinhoso auxílio e oxalá
que o seu exemplo frutifique.

A rua de Santo António
progride; vai abrir um
novo estabelecimento que
será denominado

"A Imperial"

ESCRITA

Aceita-se para fazer nas ho-
ras vagas (até 3 horas por dia).
Respostas a este jornal a
A. M.

Águas passadas...

A 36 ANOS DE VISTA!

Os cronistas das *Gualteria-
nas*, por vezes apontam à pos-
teridade a galeria dos vimara-
nenses que presidiram às Fes-
tas da Cidade. Para mais
relembrar estes... heróis fes-
teiros, os cronistas acompa-
nham-nos da vera-efigie.

Pois saibam quantos este
público instrumento de causa
virem:—Também uma vez em
minha vida e na minha terra,
fui presidente em tais festan-
ças — as *Gualterianas*.

Vou contar como isso foi:
Em 1912 presidia à Associa-
ção Comercial e Industrial de
Guimarães, Eduardo Manuel
de Almeida. Vivia-se num
período de agitação política.
Paiva Couceiro tentou no País
uma incursão monárquica. Cá
no burgo fremia uma centelha
de revolta a favor do caudilho.
E clamava-se:

— Não se devem fazer as
Gualterianas!

Foi nesta emergência que o
presidente da A. C. I. delibe-
rou: depor nas mãos de ou-
tros, a tarefa das *Gualterianas*!

Nomeada uma comissão ex-
tensa, de duas dezenas de no-
mes, desta colmeia saiu um
presidente de natureza estran-
ha, quase abortivo, pois que
foi extraído... a ferros.

No programa elaborado, vem
esta nota oficiosa: — «A ci-
dade de Guimarães, colmeia
industrial do Minho, apesar
dos acontecimentos de ordem
pública que se desenrolaram
em uma parte do Norte do
País, desejando contribuir
para a normalidade de que a
terra portuguesa tanto carece,
dá um exemplo de civismo, de
ordem e de amor nacional,
realizando com o brilhantismo
costumado, nos dias 3, 4 e 5
de Agosto, a sua anual festa
popular.

* * *

Titulos do cartaz festivo:
Feira franca — Festival noc-
turno — Feira de gado cavalari-
— Exercício de bombeiros —
Batalha de flores — Iluminações
— Arraial nocturno — Concurso
de festas — Festival no jar-
dim — Corrida de bicicletas —
Festa desportiva — Marcha mi-
lanesa.

Como se vê pela amostra do
cartaz, as *Gualterianas* enche-
ram três dias. Para cúmulo
de sucesso, ao contrário, ne-
nhuma Festa da Cidade logrou
mais adversidades que aquela
realizada em 1912.

Uma política de oposição, por

que estava de luto, dado o in-
sucesso da incursão Coucei-
rista, queria a viva força que
as *Gualterianas* se não reali-
zassem. A brados altos, em
dois dos três semanários da
terra, gritava-se:

— Não se devem fazer as
Gualterianas!

Venceram os do outro lado
da barricada. Embora o dis-
trito fosse posto em estado de
sítio, com a força armada de
prevenção, as festas realiza-
ram-se.

Todos os seus adversários
foram batidos. Só um nos foi
impossível de vencer: o tempo!
No Domingo, foi o dilúvio!
Choveu, choveu, choveu! Com
vigor lhes afirmo — que, tanta
água, me inundou a alma. En-
charcou-me... a basófia fes-
teira.

O *General Tempo* tomou,
desta feita, o partido dos con-
trários.

Miseros mortais que somos,
nada poderam as nossas fortes
vontades, as nossas atitudes
abnegadas, as nossas teimosias
fremescentes contra o poder do
Tempo.

A Comissão dos XX que reali-
zou as *Gualterianas* de 1912,
teve sorte macaca. Para mais
os apaixonados noticiários
contemporâneos, nem sequer
lhe dão um presidente. Foi
condenado ao Limbo!

Fique-lhe aqui esta memória,
por epitáfio.— As *Gualterianas* de 1912
não teve presidente. Morreu
acéfala! Degolaram-no!...

Lousa — Tabuão.

A. L. de Carvalho.

Quadras

minhas, tuas... nossas

Mal soube que eras Engrácia,
engraçei logo contigo.Ao julgar cair-te em graça,
foste ingrata pra comigo.

Passaram dias... E, então,
chamei-me a minha Gracinha.
Chamei-te Graça por graça...
por desgraça foste minha.

Foste minha para sempre,
foste a minha perdição...Não há Graça sem desgraça
nem há bela sem senão.

Se não foram os teus olhos,
eu não teria labéus.
Por causa de ti, ó Graça,
perdi a graça de Deus!

MERRY.

No MEU

CANTINHO

Quando em 28 de Dezembro
me dirigia à Guimarães queri-
da, para cobrar as assinaturas
das *Rosas de Santa Terezinha*
e, pela vez derradeira, tentar
o sonho de Atouguia, apare-
ceu-me no caminho a 3.ª edi-
ção do grosso livro que é *A
Língua e a Literatura Portugue-
sa*, do valente Padre Arlindo
Ribeiro da Cunha.

Nos dez dias da frustrada
tentativa, mal pude abrir o
alentado volume.

Só depois desses dias de en-
ganoso lidar é que me pude
atirar, com os meus 77 inver-
nos, a comparar o largo tra-
balho com as edições anterio-
res e com o Simões Dias que
há 55 anos me serviu de texto
para reger a cadeira de Lite-
ratura no saudoso Colégio da
Formiga.

Quanto mais comparei, mais
reconheci os altos predicados
do ilustre Torcatense a preen-
cher belamente a funda aspira-
ção do seu labor — Sempre
mais e sempre melhor.

Em todo o volume se reve-
lam os dotes justos com que o
Historiador e o Crítico se com-
binam em consórcio de mara-
vilha.

Trabalhar de tal modo as-
sombra a gente!

* * *

Na *Oll Vicente* recém-chega-
da não vinha o apetitoso prato
do meu Dória.

Compensava-o o Luís de Al-
meida Braga com as lindas seis
páginas sobre a *Alegoria das
danças minhotas*.

* * *

Entre as notas de desagravo
à Mãe queridíssima de Fátima
o nosso Darmoa, em 23, e o
«Correio do Minho», em 24,
apresentaram duas peças que
me encheram o coração.

* * *

Caiu hoje menos geada.

Os meus rabiscos não con-
vidarão o Compositor a cozinhar
tantas graíhas como arranja-
ram as garatuças que deviam
ter dito: — E era de uma vez
o sonho de Atouguia.

6.

Padre António Ramos

Para solenizar a passagem do ani-
versário natalício deste virtuoso Sa-
cerdote, muito digno Capelão da V.
O. T. de S. Domingos, foi cantada
na capela da mesma Ordem no pa-
ssado dia 25, uma missa em acção de
grças, a que assistiram vários sacer-
dotes, a Mesa e as Irmãs Hospitalei-
ras da Ordem e algumas pessoas das
relações do bondoso Capelão.

Ao evangelho o Rev. Fr. Correia
Pinto subiu ao púlpito e proferiu
uma breve mas brilhante alocução a
propósito daquele acontecimento, sen-
do dada, no final, a bênção do San-
tíssimo.

Naquele dia o Rev. António Sal-
vador Ramos Pereira de Carvalho,
foi felicitado por muitas pessoas que
o estimam e admiram pelas suas ad-
miráveis qualidades.

"A IMPERIAL" vai ficar

um estabelecimento notável.

Fixe este nome "A IMPERIAL".

Siga o nosso conselho

Para comprar Gabardines,
Sobretudos, Zambrenes e Trin-
cheiras, prefira a marca *Eagle*.
Cores garantidas. Corte ele-
gante.

Na CAMISARIA MARTINS
a CASA DAS MEIAS.

1092

Vai ao PORTO?

Não gaste muito dinheiro.
Almoce ou jante com 8\$80
no *Restaurante Lusit-
ânia* — R. do Benjardim, 338.

Rotary Club
de Guimarães

Sob a presidência do Sr. Dr. Eduar-
do Borges Vieira de Mascarenhas, seu
prestigioso Presidente, secretário
pelo Sr. Leandro Martins Ribeiro, seu
zeloso e distinto Secretário, reuniu,
na terça-feira, o Rotary Club de Gui-
marães, achando-se presentes diversos
rotários, tendo aquela reunião decor-
rido muito animada.

O expediente foi lido pelo Sr. Lean-
dro Martins Ribeiro que fez algumas
considerações à volta de alguns as-
suntos.

Foi resolvido convidar o compa-
nheiro português e vimaranense ilus-
tre, Sr. Dr. António Paúl, a vir realizar
uma conferência, no decorrer da pró-
xima sessão, no dia 8 de Fevereiro,
às 20 horas.

Na sessão imediata deverá fazer
outra palestra sobre assuntos relacio-
nados com a indústria, um novel
vimaranense e rotário do Club de
Guimarães.

O companheiro Sr. Dr. João Mota
Prego de Faria levantou-se para felici-
tar o companheiro Sr. António de
Sousa Lima pela brilhante homena-
gem que no passado domingo fora
prestada a seu pai, o venerando vim-
aranense Sr. António José Pereira de
Lima, de quem traçou um breve per-
fil, propondo que o Rotary Club de
Guimarães se associe a essa homena-
gem.

Termina abraçando António de
Sousa Lima e pedindo para que seja
o portador desse abraço para seu pai.

O Sr. Dr. Eduardo Mascarenhas,
ao encerrar a sessão, associa-se às
palavras do companheiro Sr. Dr. João
Mota Prego.

Afirma que embora não conheça o
Sr. António Pereira de Lima pessoal-
mente, o conhece através das suas
admiráveis qualidades, o que o leva
a ter por S. Ex.ª a maior considera-
ção e respeito.

A propósito refere-se às Festas da
Cidade — incontestavelmente as me-
lhores do país.

Pede a António Lima para que leve
ao conhecimento de seu pai a satisfa-
ção que teve ao ver-lhe prestada a
justa homenagem e propõe que se lhe
oficie.

O Sr. Presidente ventitou ainda
outros assuntos, tendo apresentado
algumas sugestões sobre a série de
conferências que o Club pensa reali-
zar.

Procedendo-se à costumada quete
verificou-se ter rendido 210\$000.

Santa Casa da Misericórdia

Sessão de Mesa de 21 de Janeiro de 1949

Sob a presidência do Provedor, Sr.
Mário de Sousa Meneses, reuniu a
Mesa Administrativa da Santa Casa da
Misericórdia.

— Aberta a sessão, o Sr. Secretário
declarou que desejava ficasse consi-
gnado, na acta desta sessão, a sua
profunda gratidão a todos os seus
prezados colegas da Mesa pelos sen-
timentos de pesar que lhe dirigiram
por motivo do falecimento de seu pai,
prova de estima que muito o sensibi-
lizou nesse doloroso transe e o deixou
muito penhorado.

— O Sr. Provedor informou que
foi estabelecido, entre esta Misericór-
dia e a Caixa de Previdência do Pes-
soal da Indústria Têxtil, um contrato
para o internamento no Hospital Ge-
ral desta Misericórdia dos beneficiários
da mesma Caixa.

— Foi resolvido adquirir seis ber-
ços para a Maternidade do Hospital
Geral e pedir orçamentos para diverso
material cirúrgico destinado ao Gabi-
nete de Oftalmologia e a outras sec-
ções.

— Trataram-se diversos assuntos
respeitantes a outros sectores.

— Foi verificado o cumprimento
de todos os legados e aprovado o
Balancete do Coifre, apresentado pelo
Sr. Tesoureiro.

— A Mesa registou, com muito re-
conhecimento, os seguintes donativos:
Do Sr. José Jacinto Júnior, uma
peça de pano para lençóis; Da Casa
Bacelar & Irmão, da cidade do Porto,
um Tensiómetro, para os Serviços de
Medicina do Hospital Geral.

Condenado a pena maior

Em tribunal colectivo, respondeu
José Martins, casado, morador em
Lameira, da vila das Taipas, que, em
11 de Agosto findo, lançou a um poço,
no lugar das Azenhas, freguesia de
Prazins, com intenção de lhe roubar
as argolas das orelhas, depois de mor-
ta, Rosa Almeida, de 11 anos, filha
de António Almeida, lavrador, da
freguesia de Vila Nova de Sande. O
criminoso foi condenado em 6 anos
de prisão e 10 de Penitenciária, em
alternativa de 20 anos de degraço, e
a 5 contos de indemnização à vítima.

EXPLICAÇÕES

— Instrução primária
— 1.º ano do Liceu
— Curso de Comércio

Dão-se informações nesta Redacção.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos :

No dia 27 do nosso prezado amigo e ilustrado pároco em Argivai, Póvoa de Varzim, rev.º Arlindo Faria de Barros; no dia 31 os nossos prezados amigos srs.: José da Silva Gonçalves, Paulo Machado da Silva, Manuel Edgar de Castro Guise, João António Sampaio e José Maria dos Santos Fonseca; as srs.ªs D. Zulmira Pereira de Freitas Pires, esposa do nosso prezado camarada sr. João de Deus Pereira e D. Rosa da Purificação Quadras Flores de Magalhães e o menino Rodrigo, filho do nosso bom amigo sr. Francisco Lage Jordão; no dia 2 de Fevereiro a sr.ª D. Alexandrina Teixeira de Aguiar Mendes Ribeiro, esposa do nosso bom amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior; no dia 3 o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. João Xavier de Carvalho; no dia 4 os nossos bons amigos srs.: Amaro Lopes Martins, ausente em Santos (Brasil) e Alberto Caetano de Almeida, do Porto; no dia 5 a sr.ª D. Camila Ramos; no dia 6 os nossos prezados amigos srs.: Manuel Joaquim da Cunha Machado e Alberto Gomes Alves e a menina Quiléria Glória Pereira.

Notícias de Guimarães apresentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 16 também fez anos o nosso prezado confratão e abastado capitalista sr. Lúcia Teixeira de Carvalho, importante industrial em Lisboa a quem embora tardiamente cumprimentamos.

Fez anos no dia 29 o sr. D. Pedro de Abreu Calheiros de Noronha Lobo Machado Pereira Coutinho de Melo e Sampaio (Poço Vitorino) filho dos srs. Condes do Poço Vitorino, a quem Notícias de Guimarães apresenta cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade, no passado domingo, os nossos bons amigos srs. P.º Dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Ramonda; P.º Dr. António Aires das Neves, de S. Pedro da Cova; P.º Alexandrino Brochado e José A. Costa, do Porto; Armando Pezoto, nosso confratão também residente no Porto; Francisco Vilarinho, de Lisboa; José Rodrigues Trindade, da Figueira da Foz; P.º Joaquim Ferreira da Silva, de Serzedelo; Comendador Manuel Ferreira Barbosa, de Joaze; Comendador António Teixeira de Melo, de Roife e Jaime da Cunha Guimarães, de Pedome.

Partiu para o Rio de Janeiro onde vai fazer residência a sr.ª D. Iláide Luzia de Sá Mascarenhas, a quem desejamos uma feliz viagem e as maiores prosperidades.

Deu-nos o prazer da sua visita o distinto sacerdote, capelão da Casa de Saúde da Boavista e talentoso orador sacro Rev. Frei Cunha Portugal.

Partiu para Novo Redondo, onde vai empregar a sua actividade comercial o nosso confratão sr. Hilário Gonçalves Lima, a quem desejamos feliz viagem e muitas prosperidades.

UM CONTO POR MÊS

Surpresa após surpresa...

Por ISAUARA CORREIA SANTOS.

José de Vasconcelos recostou-se na cadeira de balanço onde, no seu jardim, costumava fumar um "chesterfield", e sorver, fúido, o aroma das flores, variadas e aos montes, que embelezavam os alagares e as sebes em redor. Entretanto, pensava que a voz daquela conferente que há pouco ouvira, tinha o seu quê de inebriante e de infantil na sua cadência e frescura. Era deliciosa, divina. Como era a figura dessa intelectual? A sua fisionomia? Bonita? Feia? Não importava. A voz era tudo... e inspirava-lhe, a si, talentoso músico e compositor, uma admirável romanza. Teria de o ouvir outra vez, muitas vezes, para melhor captar a sua suavidade, as suas cambiantes. Ir ter com ela, com essa notável mulher? Faltava-lhe a coragem... E se lhe telefonasse? Tinha o número do seu telefone e, portanto, nada mais fácil do que um contacto telefónico com aquela voz celestial. Verdade é que, por vezes, as linhas modificam a voz. Deixá-lo. Tentaria a sorte. Pensou um pouco mais e, finalmente, levantou-se e dirigiu-se para o telefone.

"Querida ligar para o 4083", — pediu.

"Está?", — perguntou pouco após.

"Está", — respondeu uma voz feminina, bem timbrada.

"A senhora D. Lúcia poderá atender-me?", —

"E' ela mesma que está ao telefone..."

"Não me resta agora a menor dúvida. Reconheço-lhe a voz, tão harmoniosa como a própria harmonia..."

"Obrigada pelo elogio. Mas antes de mais nada, diga-me: quem fala daí?", —

"Um admirador que ontem teve o grande prazer de o ouvir na interessantíssima conferência que fez nesta cidade..."

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Cap. José Guedes Gomes, residente em Fernel de Basto.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Avelino Gomes da Costa, de Lisboa.

— Esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. Manuel Rodrigues, residente em Arêgo.

Casamento

Na paróquia Igreja de S. Miguel de Creixomil realizou-se, no penúltimo sábado, no meio da maior intimidade, o casamento do nosso amigo, sr. Alberto Manuel Lucas Vieira da Cruz, filho do nosso prezado amigo sr. António Vieira da Cruz Júnior e da sr.ª D. Natércia Lucas Vieira da Cruz, com a menina Maria Teresa Costa Caldas Ribeiro, filha do sr. Vicente Ribeiro Pinheiro e da sr.ª D. Maria Arminda da Costa Caldas, desta cidade.

Foi celebrante o Rev.º Padre Luís Gonzaga, amigo íntimo da família e padrinhos por parte da noiva, o sr. Dr. João Rocha dos Santos e sua esposa e por parte do noivo, seu pai e irmã, que representava sua mãe.

Os noivos partiram em digressão pelo norte do país.

Desejamos-lhe as maiores venturas.

Pedido de casamento

O nosso bom amigo sr. Manuel José Ferreira Júnior e sua esposa a sr.ª D. Maria Luísa Alves de Abreu Ferreira, pediram em casamento para seu sobrinho o sr. José de Abreu Oliveira, activo empregado da Casa Bento dos Santos Costa & C.ª Lda, a mão da gentil sr.ª D. Maria Augusta de Magalhães e Sousa, distinta professora oficial em Pevide, preñada filha do nosso bom amigo sr. José Feliz da Silva e Sousa e de sua esposa a sr.ª D. Maria de Magalhães e Sousa, devendo realizar-se em breve e auspicioso enlace.

Ass noivos ambicionamos as maiores venturas.

Doentes

Encontra-se doente, há já bastante tempo, o nosso prezado amigo sr. Martinho de Almeida Azenha.

Tem passado também doente o nosso amigo sr. Arnaldo de Oliveira Martins.

Tem passado doente o nosso bom amigo sr. José Teixeira dos Santos.

Desejamos as suas melhoras.

Tem passado ligeiramente incomodada mademoiselle Maria de Oliveira Campos Guise.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Isabel de Sousa Guise Pinheiro Figueiredo, esposa do nosso bom amigo sr. Fernando Figueiredo.

Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . . 190\$00

Recebemos mais dos Srs.:
Manuel Almeida (Creixomil) 5\$00
António Vieira da Cruz J.º 100\$00

A transportar . . . 295\$00

Os nossos agradecimentos em nome dos contemplados.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Adelaide da Conceição Moniz Coelho

Ao cabo de prolongados e cruciantes sofrimentos faleceu, confortada com todos os Sacramentos da S. M. Igreja, na sua residência na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, a Sr.ª D. Adelaide da Conceição Moniz Coelho, natural de Celorico de Basto e que nesta cidade, onde residia há bastantes anos, era geralmente estimada pela sua educação, dotes de inteligência e acrisoladas virtudes cristãs.

A extinta era irmã das Srs.ªs D. Ana Emilia Moniz Coelho de Sousa Vasconcelos e D. Maria Amélia Moniz Coelho Fernandes de Almada e cunhada do Sr. Luís Fernandes Almada (Azenha) e também aparentada com as famílias Moura Machado e Sousa Lima, desta cidade.

O seu funeral que esteve muito concorrido efectuou-se na quarta-feira de manhã no templo de N.ª S.ª da Oliveira, tendo sido o cadáver trasladado depois para o Cemitério de Atouguia, com numeroso acompanhamento.

A toda a família dorida apresentamos sentidos pêsames.

Dr. César Augusto Fernandes

Repentinamente finou-se há dias em Braga, onde residia, o Sr. Dr. César Augusto Fernandes, antigo sub-delegado de Saúde em Amares, pai do Sr. Dr. Carlos Ramos Fernandes e das Srs.ªs D. Maria Emilia Fernandes Pimenta e D. Maria Ana Fernandes Bastos e irmão das Srs.ªs D. Maria Isabel Fernandes Guimarães, D. Maria de Jesus Fernandes e D. Maria Lúcia Fernandes Carvalho e dos Srs. José Fernandes Guimarães e Albino Fernandes, proprietário da Foto-Cine e cunhado dos Srs. Amadeu José de Carvalho e Jaime José Fernandes e tio do Sr. Luís Fernandes Azenha.

O extinto que contava 78 anos era muito conhecido e estimado nesta cidade, onde vinha frequentemente. O seu funeral efectuou-se em Braga na quarta-feira e esteve muito concorrido.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

João Garcia de Almeida Guimarães

Contando 66 anos de idade finou-se na sua residência ao Largo do Toural o nosso bom amigo e conceituado comerciante vimaranense Sr. João Garcia de Almeida Guimarães, que era dotado de excelentes qualidades de carácter, trabalhador e activo, sendo muito estimado na cidade.

O extinto prestou relevantes serviços às Ordens de S. Francisco e S. Domingos, a cujas Mesas pertenceu durante muitos anos e também ao Asilo de Santa Estefânia, de que foi Director durante 15 anos.

O saudoso finado era irmão dos Srs. José Garcia de Almeida Guimarães, industrial em Fafe; José, Jerónimo e David Garcia, e das Srs.ªs D. Antónia de Almeida Garcia, D. Lúcia, D. Belém e D. Maria Garcia e tio das Srs.ªs D. Maria José e D. Maria Cândida Caldeira Guimarães e tio dos nossos amigos Srs. Joaquim Garcia, nosso distinto Colaborador e João de Almeida Garcia.

O seu funeral efectuou-se na quarta-feira no templo da Misericórdia.

Após breves segndos, juntou: "Estarei livre, sim. Até amanhã, pois, e creia que muito gostei de o ouvir."

"Bem haja, minha senhora. Até amanhã..."

José de Vasconcelos foi, sem demora, por parte da romanza que a voz, tão extraordinariamente clara e cantante, lhe inspirava.

Sentia-se enamorado. Pobre de si! Seria lá possível ser amado, compreendido? Cobria a cara com as mãos, de quando em vez, e deixava fugir um soluço da sua alma de artista, que sofria bem mais do que gozava.

No dia imediato, foi com alegria que viu aproximar a hora de falar com Lúcia. Com ela falou durante mais de uma hora e, daí em diante, conversaram aminda pelo telefone.

Lúcia reconhecia-lhe uma inteligência invulgar e gostava, a valer, de o ouvir dissertar sobre este ou aquele assunto de carácter artístico ou social.

Uma coisa a admirar sobremaneira: o facto de José de Vasconcelos jamais lhe ter pedido para lhe falar pessoalmente, ou de ter ido ao seu encontro em casa a terminar a sua romanza — a que deu o título de "A tua voz, Lúcia". Tocava a sem cessar. Um dia, Lúcia pediu ligação para o 2543 e, enquanto a criada a atendia, ouviu acordes sentimentais, melódicos, vindos de um piano. Não resistiu à tentação de perguntar à criada quem tocava assim. Por ela soube que o

Retomando um ar sério, disse: "Sim, se trabalha para esse fim..."

"Já me sei, e V. é uma das figuras da vanguarda desta bem justa campanha..."

"Da vanguarda não digo, mas, de facto, nela estou empenhada a valer..."

"E sabe? Também achei muito interessante a sua exposição quanto a prisões especiais para os tuberculosos que cumprem penas nesses horribes cárceres que nós conhecemos e onde, além de piorarem dia a dia, contagiam desgraçados réus companheiros no infórtunio..."

"E que infórtunio! Só quem os vê, quem os ouve, quem observa as suas exovias, pode avaliar esse infórtunio..."

"Tem razão. E quanto às prisões com maternidade e creche..."

"Ah, nem me fale nesse grande problema. Já pensei na agrura que um indivíduo sentirá ao lembrar-se que nasceu numa prisão? A men ver, como ontem disse, as delinquentes que vão ser mãe deveriam ser absolvidas — isto, claro, se o seu delito não fosse de gravidade. Do contrário, creio que seria preferível que a criança nascesse numa maternidade comum, e ficasse numa creche, e depois asilo, se necessário, de modo que não fosse numa prisão, ainda que modelar e com o acolchoado da mãe..."

"Plenamente de acordo. Sobre este assunto e outros inerentes, acabo de ler uns opúsculos bem interessantes que recebi da America, da Law School of Harvard University... Se me der licença, mandá-los-lhe-ia..."

"Mas, meu caro senhor, não sei inglês..."

"Então, se quiser dar-me honra e prazer, permita-me que, pelo telefone, deles lhe traduza algumas passagens que muito lhe interessarão..."

"Pois sim. Desde já lhe agradeço essa gentileza..."

"O agradeço sou eu. Posso, então, telefonar-lhe amanhã à mesma hora?"

"Amanhã... ora deixe-me pensar se estarei livre..."

ta-feira no templo da Misericórdia perante numerosa e selecta assistência, entre a qual se viam pessoas de todas as camadas sociais, desta cidade e de fora, assim como Instituições Religiosas e Casas de Caridade.

O seu cadáver foi, após os ofícios fúnebres, trasladado para o Cemitério Municipal, tendo-se incorporado no préstito 40 automóveis, que conduziam pessoas das relações do extinto e da família dorida, à qual apresentamos condolências.

Notícias de Guimarães e o seu director fizeram-se representar no funeral pelo nosso bom amigo Sr. António Augusto de Almeida Ferreira.

Diversas Notícias

Criança queimada

No lugar de S. Roque, freguesia de Santa Marinha da Costa, a menor de 7 anos Maria Madalena da Silva Oliveira, filha de Custódio de Oliveira, sapateiro e de Judite da Silva Soares, operária fabril, encontrando-se sózinha em casa chegou-se à lazeira, tendo-se-lhe o fogo que ali ardia pegado à roupa, ficando a infeliz criança, por falta de quem a socorresse, tão queimada que veio a falecer pouco depois de ter dado entrada no Hospital da Misericórdia.

Julgamento

Em processo correcional foi julgado Francisco da Costa, solteiro, maior, motorista, desta cidade, pelo crime de atropelamento na pessoa de Serafim da Silva, casado, cutelheiro da freguesia de Fermentões, causando-lhe a morte, acidente de viação ocorrido em Fevereiro do ano passado.

Foi condenado em 20 meses de prisão correcional; 20 meses de multa a 5\$00 por dia, 500\$00 de imposto de justiça e 20 contos de indemnização à viúva da vítima e mais encargos legais.

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanentemente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha.

Pela Polícia

Queixaram-se à Polícia: Manuel de Sousa, casado, tecelão, do lugar de Novais, freguesia de Gondar, deste concelho contra Manuel da Silva Sampaio e seus irmãos, Joaquim e Alfredo da Silva Sampaio, solteiros, operários fabris, da freguesia de S. Jorge de Selho, por agressão; Manuel Cardoso, solteiro, tecelão, da freguesia de Aões, contra Amélia Ribeiro Cardoso, viúva, doméstica, da freguesia de S. Torcato, por abuso de confiança.

Vida Católica

Congregação de Maria Imaculada (homens) — Realiza-se no próximo domingo dia 6 na Basílica de S. Pedro, a festa anual desta florescente congregação, constando de manhã pelas 8 horas, missa solene cantada a vozes e harmonium, e de tarde, pelas 15 horas, admissão de novos aspirantes e congregados, posse dos dos novos dignitários, seguindo-se a exposição, sermão por um distinto orador, e Bênção do Santíssimo.

Após breves segndos, juntou: "Estarei livre, sim. Até amanhã, pois, e creia que muito gostei de o ouvir."

"Bem haja, minha senhora. Até amanhã..."

José de Vasconcelos foi, sem demora, por parte da romanza que a voz, tão extraordinariamente clara e cantante, lhe inspirava.

Sentia-se enamorado. Pobre de si! Seria lá possível ser amado, compreendido? Cobria a cara com as mãos, de quando em vez, e deixava fugir um soluço da sua alma de artista, que sofria bem mais do que gozava.

No dia imediato, foi com alegria que viu aproximar a hora de falar com Lúcia. Com ela falou durante mais de uma hora e, daí em diante, conversaram aminda pelo telefone.

Lúcia reconhecia-lhe uma inteligência invulgar e gostava, a valer, de o ouvir dissertar sobre este ou aquele assunto de carácter artístico ou social.

Uma coisa a admirar sobremaneira: o facto de José de Vasconcelos jamais lhe ter pedido para lhe falar pessoalmente, ou de ter ido ao seu encontro em casa a terminar a sua romanza — a que deu o título de "A tua voz, Lúcia". Tocava a sem cessar. Um dia, Lúcia pediu ligação para o 2543 e, enquanto a criada a atendia, ouviu acordes sentimentais, melódicos, vindos de um piano. Não resistiu à tentação de perguntar à criada quem tocava assim. Por ela soube que o

Retomando um ar sério, disse: "Sim, se trabalha para esse fim..."

"Já me sei, e V. é uma das figuras da vanguarda desta bem justa campanha..."

"Da vanguarda não digo, mas, de facto, nela estou empenhada a valer..."

"E sabe? Também achei muito interessante a sua exposição quanto a prisões especiais para os tuberculosos que cumprem penas nesses horribes cárceres que nós conhecemos e onde, além de piorarem dia a dia, contagiam desgraçados réus companheiros no infórtunio..."

"E que infórtunio! Só quem os vê, quem os ouve, quem observa as suas exovias, pode avaliar esse infórtunio..."

"Tem razão. E quanto às prisões com maternidade e creche..."

"Ah, nem me fale nesse grande problema. Já pensei na agrura que um indivíduo sentirá ao lembrar-se que nasceu numa prisão? A men ver, como ontem disse, as delinquentes que vão ser mãe deveriam ser absolvidas — isto, claro, se o seu delito não fosse de gravidade. Do contrário, creio que seria preferível que a criança nascesse numa maternidade comum, e ficasse numa creche, e depois asilo, se necessário, de modo que não fosse numa prisão, ainda que modelar e com o acolchoado da mãe..."

"Plenamente de acordo. Sobre este assunto e outros inerentes, acabo de ler uns opúsculos bem interessantes que recebi da America, da Law School of Harvard University... Se me der licença, mandá-los-lhe-ia..."

"Mas, meu caro senhor, não sei inglês..."

"Então, se quiser dar-me honra e prazer, permita-me que, pelo telefone, deles lhe traduza algumas passagens que muito lhe interessarão..."

"Pois sim. Desde já lhe agradeço essa gentileza..."

"O agradeço sou eu. Posso, então, telefonar-lhe amanhã à mesma hora?"

"Amanhã... ora deixe-me pensar se estarei livre..."

O 79.º aniversário da fundação da Assoc. Artística Vimaranense

Ocorrendo no próximo dia 6 de Fevereiro a passagem do 79.º aniversário da fundação da Associação Artística Vimaranense, a sua direcção, a que preside o nosso dedicado amigo Sr. Luís Filipe Coelho, deliberou imprimir o maior brilhantismo a essa comemoração, tendo elaborado o seguinte programa:

A's 10 e meia horas — Celebração da Missa Estatuária, na Basílica de S. Pedro, pelo ilustrado capelão da colectividade, Rev.º Avelino Pinheiro Borda, e durante a qual se fará ouvir, no coro, a Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

A's 11 horas e um quarto — Sessão solene, na sede-associativa, sob a presidência do Ex.º Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência do Distrito de Braga, e onde usará da palavra o Presidente da Direcção e o Professor Oficial do Ensino Primário, Sr. A. Sílvio de Macedo.

Durante esta sessão, serão distribuídos prémios aos filhos dos sócios que, no ano lectivo findo, revelaram aproveitamento nos ensinos técnico e primário, e de que participarão 6 internados do Asilo da Infância Desvalida de Santa Estefânia e das Oficinas de José: será fornecido um Bodo às viúvas e proceder-se-á ao descerramento das fotografias dos sócios Honorários e Beneméritos Srs. A. L. de Carvalho e José Torcato Ribeiro Júnior e à inauguração de um Quadro de Honra com a inscrição dos nomes dos dadores de prémios.

A's 15 horas — Baile promovido pelo «Grupo Excursionista — o Berço da Pátria».

A's 21,30 horas — Sarau musical realizado pela «Tuna Artística Vimaranense», com a colaboração do apreciado conjunto denominado *Ritmo Louco*.

A abrir este Sarau usará da palavra o Rev.º Dr. Manuel de Faria, formado em Ciências Musicais em Roma, expressamente convidado para tal fim.

Siga o nosso conselho

Para comprar Agasalhos, Blusas, Camisolas, Pulovers, Pijamas, Ceroulas, Meias e Peúgas de lã, o mais completo sortido, só na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS.

Explicações

Pessoa devidamente habilitada lecciona a rapazes e meninas para: Curso Comercial; 1.º Ciclo do Liceu; Exame de admissão ao Curso Comercial e Liceu; 1.º e 2.º graus da Instrução Primária; Concurso para os Correios.

Pedir informações das 8 às 10 horas e das 18 às 20 horas, na Praça de S. Tiago, 28 — Guimarães.

Armazém de Fazendas Brancas

Passa-se com ou sem fazenda. Informa: Rua Gil Vicente n.º 16 — Guimarães.

Após breves segndos, juntou: "Estarei livre, sim. Até amanhã, pois, e creia que muito gostei de o ouvir."

"Bem haja, minha senhora. Até amanhã..."

José de Vasconcelos foi, sem demora, por parte da romanza que a voz, tão extraordinariamente clara e cantante, lhe inspirava.

Sentia-se enamorado. Pobre de si! Seria lá possível ser amado, compreendido? Cobria a cara com as mãos, de quando em vez, e deixava fugir um soluço da sua alma de artista, que sofria bem mais do que gozava.

No dia imediato, foi com alegria que viu aproximar a hora de falar com Lúcia. Com ela falou durante mais de uma hora e, daí em diante, conversaram aminda pelo telefone.

Lúcia reconhecia-lhe uma inteligência invulgar e gostava, a valer, de o ouvir dissertar sobre este ou aquele assunto de carácter artístico ou social.

Uma coisa a admirar sobremaneira: o facto de José de Vasconcelos jamais lhe ter pedido para lhe falar pessoalmente, ou de ter ido ao seu encontro em casa a terminar a sua romanza — a que deu o título de "A tua voz, Lúcia". Tocava a sem cessar. Um dia, Lúcia pediu ligação para o 2543 e, enquanto a criada a atendia, ouviu acordes sentimentais, melódicos, vindos de um piano. Não resistiu à tentação de perguntar à criada quem tocava assim. Por ela soube que o

Retomando um ar sério, disse: "Sim, se trabalha para esse fim..."

"Já me sei, e V. é uma das figuras da vanguarda desta bem justa campanha..."

"Da vanguarda não digo, mas, de facto, nela estou empenhada a valer..."

"E sabe? Também achei muito interessante a sua exposição quanto a prisões especiais para os tuberculosos que cumprem penas nesses horribes cárceres que nós conhecemos e onde, além de piorarem dia a dia, contagiam desgraçados réus companheiros no infórtunio..."

"E que infórtunio! Só quem os vê, quem os ouve, quem observa as suas exovias, pode avaliar esse infórtunio..."

"Tem razão. E quanto às prisões com maternidade e creche..."

"Ah, nem me fale nesse grande problema. Já pensei na agrura que um indivíduo sentirá ao lembrar-se que nasceu numa prisão? A men ver, como ontem disse, as delinquentes que vão ser mãe deveriam ser absolvidas — isto, claro, se o seu delito não fosse de gravidade. Do contrário, creio que seria preferível que a criança nascesse numa maternidade comum, e ficasse numa creche, e depois asilo, se necessário, de modo que não fosse numa prisão, ainda que modelar e com o acolchoado da mãe..."

"Plenamente de acordo. Sobre este assunto e outros inerentes, acabo de ler uns opúsculos bem interessantes que recebi da America, da Law School of Harvard University... Se me der licença, mandá-los-lhe-ia..."

"Mas, meu caro senhor, não sei inglês..."

"Então, se quiser dar-me honra e prazer, permita-me que, pelo telefone, deles lhe traduza algumas passagens que muito lhe interessarão..."

"Pois sim. Desde já lhe agradeço essa gentileza..."

"O agradeço sou eu. Posso, então, telefonar-lhe amanhã à mesma hora?"

"Amanhã... ora deixe-me pensar se estarei livre..."

O nosso Aniversário

Numerosos colegas nossos têm continuado a referir-se em termos que deveras nos sensibilizam à recente passagem do aniversário do *Notícias de Guimarães*.

Recentemente foram O Desforço, de Fafe e o *Jornal de Penafiel* que se referiram a aquele acontecimento, dirigindo-nos saudações e ambientando-nos um futuro próspero.

A todos — a estes e aos demais que a nós se têm referido, ocupando-se daquele acontecimento festivo — queremos significar o nosso maior agradecimento.

BISPO DE ANGRA

Está bastante doente S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães, venerando Bispo de Angra do Heroísmo, que tem estado na sua Casa do Pevide, devendo recolher ao Hospital de Santa Maria, no Porto. Ao virtuoso e apostólico Prelado desejamos rápido restabelecimento.

Galinhas Leghorn branca

Importadas em 1948 da Holanda. VENDEM-SE ovos para incubação na Casa d'Arca. Telefone 4195.

Propriedade

VENDE-SE uma em Urges, no lugar da Vaca Negra. Recebe propostas, até ao fim do corrente mês: Paulino Lobo.

Reserva-se o direito de não a entregar no caso de não convir.

Siga o nosso conselho

Para comprar Calçado de Cabelo e de Agasalho para Homem, Senhora e Criança, o maior sortido e o mais económico, só na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS.

</

A homenagem ao Sr. António Lima

Continuação da 1.ª página

trazer o nosso — OBRIGADO — o nosso — BEM HAJA! —, o nosso desejo de que por anos fora possa ainda acalentar-nos com a sua tenacidade, raça e forte, e prestigiar a nossa terra com a lição e exemplo da sua vida, raramente preciosa, de honra, de trabalho — e de BEM SERVIR!

Essa vida — a sua vida — construiu-a, plasmou-a, deu-lhe a forma e deu-lhe a alma por si mesmo — a forma, na orientação do trabalho, a que se consagrou; a alma no culto do bem público e no exemplar exercício da bondade, com que a encheu de luz clara e sã. Não há através dela como na de alguns personagens, o lance episódico que as distingue e avulta, mas, igualmente, a resume e estratifica. Não é uma hora, ou um minuto, um caso ou um acaso das glórias que se vitoriam e perpetuam — na tão passageira imortalidade humana —, e as artes movimental no verbo, no bronze, na harmonia ou na cor à admiração das multidões apressadas.

E, dentro da enfiada monotonia das vilas laboriosas, no recato da sombra das nossas províncias da velha serenidade patriarcal, só resfolgante nas labaredas sanjoninas de qualquer acontecimento solene, uma vida tecida de minuto a minuto pelas horas do dia, e por todos os dias do ano, e dos anos em que lhe for dado manter-se; mas tecida, e ninguém sabe nunca o quanto à custa de amargas apreensões, de inquietos sobressaltos, de penosos sacrifícios e dolorosíssimos desgastamentos; tecida com os fios da honra mais inquebrantável, da mais firme perseverança, do mais árduo moirer, do mais salutar critério; tecida ainda mais do que a própria vantagem com o pensamento na arca do bom lar caseiro e que possa crescer para a dos que junto labutam, auxiliam e concorrem, e chegar ainda para a dos necessitados e dos pobrezinhos; e, sempre com o pensamento fixo, mais do que no lucro eventual, na imensa riqueza de dignificação do próprio nome e do nome da casa, da terra, e da Pátria.

«As horas ferriadas do eminente labrador são horas ainda mais coercivas de um verdadeiro operário social. Em todos os bons campos da actividade de cidadania o encontramos. Não há instituição social vimaranesa, onde sua passagem não tenha sido vinda ou onde se não haja atendido amparadamente a eficácia do seu préstimo ou da sua generosa benemerência. A carinhosa assistência aos velhinhos inválidos ou o cultivo da boa educação ao florir da infância são o encanto da sua alma enamorada do bem.»

«A nossa Câmara deve-lhe como aos que melhor intencionalmente a têm servido; mais lhe deve ainda a Cidade e o Concelho. Ele é dos que já está presente, de alma e coração, quando soa a convocar dedicações. E a sua é tão inteiramente perfeita quanto abnegadamente desinteressada. Cremos não haver dado uma só palavra que não seja substantivada por factos. Estes constituem a meritória biografia de António José Pereira de Lima, de que só demos assim bem pálida e mal ajeitada síntese.»

Brindaram depois os Srs. António Emílio da Costa Ribeiro, em nome do Grémio do Comércio e P.º José Carlos Simões de Almeida, em nome da Mesa da Irmandade dos Santos Passos, que enalteceram as qualidades do homenageado, fazendo menção dos inestimáveis serviços que tem prestado a Guimarães.

Após o brinde do Rev. P.º José Carlos Simões, um grupo de alunas do Colégio de N. S.ª da Conceição foi oferecer ao homenageado, por entre aplausos, um formoso ramo de flores.

Falou a seguir o Sr. Dr. Carlos Saraiva Brandão.

Depois de apresentar os seus cumprimentos ao Sr. Presidente da Câmara, disse:

— Levantei-me para saudar o Sr. António Lima, que eu conheço há muito, desde a hora em que na Câmara Municipal deste concelho trabalhou

ao lado de meu pai. Saudou-o do coração e desejo-lhe também a saúde indispensável para continuar a servir Guimarães com o entusiasmo e o orgulho que todos nós lhe conhecemos. Por isso, aqui estamos nesta homenagem a significar-lhe o nosso carinho e os nossos agradecimentos.

E prosseguiu:

— Seria pouco se a limitássemos a um simples almoço. É necessário mais alguma coisa que fique para além desta festa. Quero, por isso, propor que a assistência se manifeste no sentido de se pedir ao ilustre Presidente do Município para que ao Ex.º Sr. António José Pereira de Lima, na 1.ª sessão da Câmara, seja concedida a medalha de ouro da cidade de Guimarães pelos seus relevantes actos de bairrismo, pelo seu espírito sempre pronto a acarinhar o progresso de Guimarães e pela sua vontade decidida no sentido de uma dedicação sem limites, pelas obras de caridade, dedicação que se patenteia no modelar estabelecimento de ensino, que é o Colégio de N. S.ª da Conceição, ao qual está anexo um Asilo de Inválidos. Sem a sua vontade, sem a sua acção, talvez tivesse encerrado já as suas portas.

O orador depois de referir-se ainda aos serviços que António Lima tem prestado à Estância da Penha, concluiu:

— António José Pereira de Lima merece que a Câmara o distinga porque enaltece um vimaranesse que se tem dado ao seu progresso e honra-se também porque dignifica a sua obra em prol de Guimarães.

Todos os presentes aplaudiram demoradamente.

Falaram em seguida os Srs. José de Oliveira Pinto, que se referiu à acção desenvolvida pelo homenageado como Vereador da C. Municipal; Prof. José de Pina, que se associou àquela merecida consagração, em nome da Junta de Turismo; Jerónimo Sampaio, Dr. Jorge da Costa Antunes, Alfredo Guimarães, Director do Museu Alberto Sampaio; Dr. João Rocha dos Santos, que disse, deviamos prestar, no meio daquela festa de vimaraneses, homenagem à Câmara Municipal de Guimarães. Depois de se dirigir ao homenageado, propôs que todos o saudassem como presidente das Festas da Cidade do ano de 1949, o que provocou demorados aplausos.

O Sr. Amadeu Guimarães, em nome do Sindicato N. dos Caixeiros, falou em seguida:

«Em representação dos Caixeiros de Guimarães, apraz-me saudar efusivamente V. Ex.ª pela merecida e justíssima homenagem que os Vimaraneses, hoje, vos prestam, e vir associar-me de alma e coração às manifestações que a revestem e a envolvem.

O merecimento da vossa íntegra personalidade e o nunca desmentido amor tributado às coisas da nossa Terra e a vossa voluntária cooperação emprestada aos vários sectores da sua actividade, ajustam perfeitamente o valor desta espontânea consagração e refletem radiosamente a admiração existente em peitos e corações amigos.

Há quem julgue que as manifestações de simpatia são filhas do sabor das paixões e que se reportam às sensações vibrantes da franca alegria provocada pelo próprio meio ambiente.

Engana-se todo aquele que de tal modo pensa.

A avaliar por esta eloquente união moral dos Vimaraneses em volta de um dos seus irmãos mais respeitados e admirados pela integridade do seu civismo, temos de confessar que tudo se fez no recolhimento da sinceridade e que nada teve de especulativa a expressa manifestação levada a efeito.

Não necessitamos, também, de exaltar a concepção de pensamento que inspirou e permitiu os elevados propósitos dos promotores desta admirável demonstração de simpatia, visto saber-se que se entreabriu e floresceu no espírito de adesão que residia no nosso próprio espírito e que terá de definir-se como a distinção devida ao Homem que exerce acção conforme ao Bem e para quem esse ideal é o

fundamento do seu sagrado e indeclinável dever.

Sendo assim, os seus inúmeros admiradores puderam honrá-lo com a sua presença, a um tempo que se confessam reconhecidos pela viva lição recebida através o inalienável exemplo da sua vida, como os obscuros e humildes Caixeiros de Guimarães lhe testemunham a melhor gratidão pelas carinhosas provas de consideração que lhes vem sendo dispensadas».

O Sr. António Faria Martins falou em seu nome e em nome da direcção do Vitória. Associa-se àquela homenagem e envolve nos seus louvores toda a Comissão das Festas da Cidade, da qual destaca três nomes além daquele que se estava a homenagear: Rodrigo Fernandes Abreu, António Pereira Rodrigues, e Antero H. Silva.

Brindaram em seguida os Srs.: Professor Mário de Sousa Meneses, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, que depois de algumas considerações concluiu: António Lima não é apenas um vimaranesse: é um símbolo dos vimaraneses! Dr. António Alves das Neves, de S. Pedro da Cova que bordou interessantes considerações à volta da palavra concórdia; Dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda que brindou pela Esposa do Homenageado; Francisco d'Assis Pereira Mendes, que disse que o respeito ao nome de António Lima é a maior homenagem que Guimarães lhe tem prestado e continuará a prestar. Recordou os nomes de João de Melo, João Qualdino, José de Freitas Soares e outros grandes impulsores das Festas da Cidade para os quais teve palavras de saudade e também se referiu a João Rodrigues Loureiro e a José de Pina, terminando por beber pela saúde do homenageado e pelas Festas Quaternárias.

Brindaram ainda os Srs. Capitão Magalhães Couto e P.º Joaquim A. Ferreira da Silva, que bordaram algumas considerações à volta da personalidade que se homenageava, exaltando as suas virtudes.

Depois levantou-se o Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, presidente da Câmara Municipal que disse:

«Entenece-me profundamente a festa a que estamos assistindo. Ficará gravada a letras de ouro nos anais vimaraneses como um símbolo da veneração e gratidão que esta terra como poucas sabe tributar aos filhos que mais a têm amado, a cujo número pertence o nosso querido homenageado.

Em todos os ramos da actividade por onde tem passado o Sr. António José Pereira de Lima a sua acção ficou gravada indelevelmente.

Nas cadeiras do Município, que tem ocupado, por diversas vezes, deixou o seu nome ligado a melhoramentos de alta importância. Ao passar pela Administração do Concelho, como nenhum outro, ali vinco o seu espírito de concórdia, a que não era estranho o seu bondosíssimo coração; mas com tal apuro e espírito de rectidão que largamente prestigiou a função de autoridade.

Na Penha e várias casas de Caridade, sobretudo no seu querido asilo de Santos Passos, a sua obra é notável, pois a sua modelar acção administrativa junta a sua bela alma, toda a bondade e enternecimento por aqueles desventurados que ali gozavam os últimos dias da sua vida num verdadeiro lar de família.

O seu amor bairrista manifesta-se em múltiplos factos, devendo apontar-se dum modo especial a sua acção animadora como Presidente da Comissão Executiva das Festas da Cidade.

O Sr. António Lima pela sua inteligência e largo poder de observação adquiriu no estrangeiro larga soma de conhecimentos o que contribuiu para que instalasse na sua querida terra uma fábrica que deve ser apontada como modelo no país, o que veio elevar o prestígio industrial de Guimarães, quer pela especialização que deu aos seus produtos quer, ainda pelo carinho que tributa aos colaboradores, desde o mais categorizado empregado ao mais humilde operário.

Por tudo isto e muito mais, o Sr. António José Pereira de Lima deve ser apontado como um Vimaranesse modelo e bem merece a consagração que o meu particular amigo e ilustre colega acaba de sugerir e que desde já tem o meu voto cheio de entusiasmo.

a disciplina livremente aceita. A seguir vinham os compromissos solenes:

Prometo e quero ardentemente:

1.º — Cumprir todos os meus deveres para com Deus e para com a Pátria;

2.º — Ajudar o meu próximo em toda e qualquer ocasião;

3.º — Evitar no Centro e fora dele toda a discussão áspera e toda a contenda com os meus camaradas;

4.º — Evitar toda a conversação obscena, indigna de um português que se preza;

5.º — Tratar como irmãos todos os jovens da minha idade, de toda e qualquer condição;

6.º — Evitar a ingerência nas coisas políticas, recordando que o Centro só tem dois amores: Deus e Pátria.

Com a mais profunda admiração e sincera amizade a que não é estranho o sentimento da gratidão, levanto a minha taça desejando ao Sr. António Lima dilatados anos de vida, acompanhados de muita saúde, a melhor prenda que Deus pode dar ao homem.

Finalmente o homenageado, visivelmente emocionado, pronunciou algumas palavras de agradecimento.

A todos manifestou o seu profundo reconhecimento e especialmente aos seus colaboradores na Comissão das Festas.

As últimas palavras do homenageado foram coroadas pelos novos e entusiásticos acordes do Hino da Cidade, sendo em seguida o Sr. António Lima abraçado por todos os presentes.

No decorrer do banquete receberam-se muitos telegramas e cartas, de que nos foi possível tomar nota de alguns nomes:

Dr. Arménio Caldas, de Lisboa; Luís Augusto Cardoso, Agrigido da Cunha Guimarães, do Pevideim; José Jacinto Júnior, José Jacinto de Carvalho, António de Carvalho Jacinto, Gaspar Ferreira Paul, D. António Teixeira Mendes Duarte e Domingos Duarte, Luís Filipe Coelho, Professor Abel Cardoso, de Lisboa; Eng.º Joaquim Ferreira Leão, Alberto Hardy, de Lisboa; Dr. José Francisco dos Santos, idem; Francisco Dias Pinto de Castro, Fábrica de Tecidos Aliança, de Coimbra; César Reis, idem; A. L. de Carvalho, de Tabuaço; Alfredo Lopes Correia, do Pevideim; José Neves, de Penafiel; José Félix, de Felgueiras; Avelino Lima, do Porto; Gualdino Pereira, de Lisboa; Henrique Moreira Ferreira, do Porto; Eng.º Helder Rocha, de Barcelos; P.º Horácio Pereira da Silva, do Porto; Dr. António Baptista Leite de Faria, de Lisboa; Fernando Gilberto de Sousa Pereira, Cap. Francisco Martins Fernandes, Amadeu da Costa Carvalho, Tenente Manuel Peres, José Gomes Ferreira, do Porto; Cap. José Guedes Gomes e Manuel M. Moniz Coelho, de Fátima de Basto; Bacelar Mendes & Gonçalves, do Porto; P.º Luís Gonzaga da Fonseca, Dr. José Pinto Rodrigues, Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro, Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, Belmiro Mendes de Oliveira, António Almeida Ferreira, João Trepa, de Santo Tirso, etc., etc.

Notícias de Guimarães n.º 887-30-1-1949.



COMARCA DE GUIMARÃES Secretaria Judicial ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Nos autos de execução sumária que o exequente António José Trindade, casado, comerciante, morador na Rua de Santo António, desta cidade, move contra o executado António Fernandes Vieira, solteiro, maior, industrial, morador no lugar da Pôça, freguesia de Ronfe, desta comarca, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, a citar os credores desconhecidos para, dentro do prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, virem à mesma execução deduzir os seus direitos.

Guimarães, 16 de Janeiro de 1949.

O Chefe da 2.ª Secção de processos,
Reinaldo Neto de Sousa.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Lobo e Silva.

ESCRITÓRIO

Aluga-se em sítio central.
Informa esta Redacção.

Como vêm, o programa era simplicíssimo.

Num dos artigos da revista que comecei a publicar, eu dizia a tal respeito:

«Simples é o nosso programa, como vedes, mas de execução assás difícil. A pedra, desprendida do alto da montanha, facilmente alcança o vale ameno e aprazível; é obra homérica rolá-la do vale à montanha, se é grande. Também a nossa natureza é de si mesma adversa a tudo o que lhe seja desfavorável, a tudo o que a incomode; a tudo o que exija dela sacrifícios. Pois bem, sem sacrifícios não pode haver coroas de glória nem as satisfações íntimas que são o prémio do dever cumprido.»

Hei-de dizer com apazimento que os rapazes se mostraram desde logo decididos a abraçar de alma e coração o programa que se lhes propunha. Infelizmente inspiram logo as aves malagorentas, as almas

BATATAS DE SEMENTE

ESTRANGEIRAS E NACIONAIS
certificadas pelos Serviços Fitopatológicos

VENDE

José Ferreira Botelho & C.ª Limitada

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 140-1.º — PORTO

Dirijam os seus pedidos ao seu
AGENTE EM GUIMARÃES

Pedro da Silva Freitas

“CHAFARICA”

11, Rua de Santo António, 13

TELEFONE, 4221 — TELG. PERFEITAS

ADUBOS QUÍMICOS ORGANICOS “TRIUNFANTE”
para Batatas, Vinha, Oliveiras, árvores de fruta e cereais

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

(588)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anejo: **ARMAZÉM DE MERCEARIA** de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Plano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia

Previdente, Produtos “Shell”, Sociedade de Produtos Lácteos.

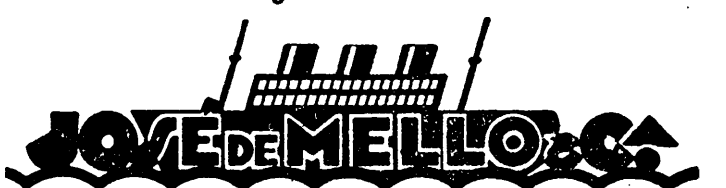
Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e EXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1898

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

TRANSFORMADOR

Vende-se em estado de novo, marca “Aseia”, de 25 kws., para corrente de 220 volts., por motivo de aumento de indústria.

Informa-se nesta redacção.

VENDE-SE

Dois moradas de casas no centro da Cidade com os rendimentos mensais de 1.400\$00 e 700\$00 e ainda uma outra morada de casas em construção.

Para ver e tratar com MARTINHO DA SILVA — Guimarães.

MATAR SAUDADES

XX

Se mais uma vez falo no Centro Recreativo Nun'Alvares, de que fui inglorio e apagado fundador, não é por querer alardear façanhas e lanças metidas em África, mas simplesmente porque três mancebos gorbosos e guapos me estão ali, da parede, a dizer e gritar: *Fale, fale!*

Pois falei.

O fim da Associação estava declarado no art.º 2.º dos Estatutos e rezava assim:

O fim desta associação é recreativo, moral e religioso, visando ao bem físico e moral de todos os seus sócios.

1.º — O fim recreativo conseguir-se-á com jogos e diversões na sua sede social, e com assíduos passeios, exercícios ginásticos, com uma selecta Biblioteca.

2.º — O fim moral conseguir-se-á com o mútuo bom exemplo que todos os sócios hão-de dar entre si, abstendo-se nas suas conversas de tudo o que possa ser inconveniente ou deshonroso.

A caderneta, que se dava aos sócios, depois de um belo pensamento de C. Royet, dizia dos compromissos e anelos de cada um dos sócios.

O pensamento de C. Royet é muito simples:

«O fim da nossa Associação é preparar jovens corajosos, enérgicos e dedicados, afim de compensar as lacunas da educação moderna que, visando quase exclusivamente a inteligência, não desenvolve bastantemente o carácter, a energia e

obcecadas, a quem a luz alheia faz tonturas, para semear a discórdia e o desalento. Dizia-se à boca cheia que os rapazes assim não estudavam, que só perdiam tempo, e outras coisas neste tom e neste som. Mas essas vozes perdiam-se no vácuo, porque os alentos e os estímulos vindos da parte sã logravam abafar esses grasnidos infelizes. Eu bem percebia que andava moiro na costa, mas fiado em Deus lá ia remando muito confiado, agarrado aos braços e ao coração dos três a quem os próprios méritos e qualidades designaram para ser a pedra angular e o primeiro triunvirato do Centro Recreativo Nun'Alvares.

Com a ajuda valiosíssima de meu primo o saudoso Padre, a quem vezes, muitas mais vezes me referirei, que podia eu temer? E ao lado dele, e a meu lado, havia três rapazes com quem se podia contar. Um deles era o Augusto Melo, oriundo, me parece, de Santo Tirso. Dele disse eu algures: «Foi por sem dúvida a pedra angular do Centro e o meu braço direito nos momentos mais críticos». O outro era o Júlio Pimenta, que se distinguia, disse eu também «pelo grande número de sócios que conseguiu recrutar».

Já falei de dois: e o terceiro? Quem é esse terceiro? Não sei se o Melo e o Pimenta ainda são vivos: o terceiro amigo é-o. E ainda lhes digo mais: é *Alguém*. Mas quem é então esse *Alguém*? Aqui, como nos teatros, o pano sobe e desce, e há os necessários intervalos. Esperem pois, que o *Alguém* há-de aparecer.